Em atendimento ao inciso XVI do artigo 30 da Instrução CVM nº 480, de 7 de dezembro de 2009, estamos disponibilizando o presente relatório emitido pela agência classificadora de rating Austin Rating. Cabe esclarecer, no entanto, que a opinião emitida pela agência reflete a posição financeira no contexto do **CONGLOMERADO FINANCEIRO ALFA**, formado pelas empresas: Banco Alfa de Investimentos S.A. e suas controladas: Alfa Arrendamento Mercantil S.A., Alfa Corretora de Câmbio e Valores Mobiliários S.A. e BRI Participações Ltda.; Financeira Alfa S.A. e Banco Alfa S.A..

Relatório Analítico
Trimestral: MAR/10

Rating

AA+

O banco apresenta solidez financeira intrínseca excelente. São instituições dotadas de negócio seguro e valorizado, boa situação financeira atual e histórica. O ambiente empresarial e setorial pode variar sem, porém, afetar as condições de funcionamento do banco. O risco é irrisório.

Data: 25/jun/2010
Validade: 28/fev/2011

Sobre o Rating

Perspectiva: Estável
Observação: -
Histórico:
Mar/10: Afirmação: AA+ (LP)
Afirmação: A-1 (CP)
Mar/09: Afirmação: AA+ (LP)
Afirmação: A-1 (CP)
Set/08: Afirmação: AA+ (LP)
Afirmação: A-1 (CP)
Dez/07: Afirmação: AA+ (LP)
Atribuição: A-1 (CP)
Jun/07: Afirmação: AA+ (Estável)
Dez/06: Afirmação: AA+ (Estável)
Jun/05: Afirmação: AA (Positiva)
Dez/02 Atribuição: AA (Estável)

Analistas:

Cátia Mota
Tel.: 55 11 3377 0718
catia.mota@austin.com.br

Rodrigo Indiani
Tel.: 55 11 3377 0704
rodrigo.indiani@austin.com.br

Austin Rating Serviços Financeiros
Rua Leopoldo Couto Magalhães, 110 – conj. 73
São Paulo – SP
CEP 04542-000
Tel.: 55 11 3377 0707
Fax: 55 11 3377 0739
www.austin.com.br

FUNDAMENTOS DO RATING

O Comitê de Classificação de Risco da Austin Rating, em reunião realizada no dia 25 de junho de 2010, afirmou os *ratings* **AA+** ("duplo A mais") de longo prazo e **A-1** de curto prazo para o Conglomerado Financeiro Alfa. A perspectiva permanece **estável**. O Conglomerado, composto de instituições financeiras participantes do sistema bancário brasileiro, opera com configuração semelhante a um banco múltiplo.

A história do Conglomerado Financeiro Alfa teve início em 1925, quando foi fundado o Banco da Lavoura de Minas Gerais. Em 1972, o Banco da Lavoura recebe o nome de Banco Real, dando início ao seu processo de expansão, tornando-se um dos maiores bancos privados do país. Em 1998, parte da estrutura do Grupo Real foi vendida – o Banco Comercial e a Companhia de Crédito Imobiliário – ao banco holandês, ABN Amro Bank. Após a venda, permaneceram com o antigo controlador do Banco Real, Dr. Aloysio Faria, as empresas Banco Real de Investimento, Cia. Real de Crédito, Financiamento e Investimento, Cia. Real de Arrendamento Mercantil, Cia. Real Corretora de Câmbio e Valores Mobiliários, que foram renomeados e, juntamente com o Banco Alfa (criado posteriormente), formaram o Conglomerado Financeiro. Por meio do braço de varejo, oferece produtos como financiamento de veículos e crédito consignado para clientes de alta renda. A área de atacado é responsável por operações de *upper middle* e grandes grupos econômicos, além da gestão de recursos de terceiros.

A manutenção de sua classificação ponderou seu posicionamento de destaque nos segmentos em que atua e a elevada qualidade da carteira de crédito refletida em seus baixos indicadores de inadimplência, em patamar inferior a 1,0%. Embora tenha uma carteira com qualidade elevada, não dispensa o conservadorismo na política de constituição de provisão, suficiente para a cobertura dos créditos em atraso. Foi considerada sua base patrimonial robusta, com elevado nível de adequação de capital (índice de Basileia de março de 2010 em 21,1%), bem como a elevada capacidade de suporte do controlador em caso de necessidade. Também como aspecto positivo, observa-se a postura conservadora da instituição, frente a um cenário adverso, priorizando a solidez e liquidez da instituição em detrimento de resultados oriundos de fontes voláteis. Por outro lado, a classificação se viu limitada por alguns fatores, como o desafio de se manter competitivo em um mercado de acirrada concorrência, vinda dos bancos médios e grandes nos segmentos de *middle market* e na modalidade de crédito consignado para servidores públicos federais.

A classificação de risco de instituições financeiras realizada pela Austin Rating avalia o risco de crédito de curto e longo prazo da instituição. As notas atribuídas pela Austin Rating obedecem a uma escala de classificação nacional e servem como parâmetro de comparação entre as instituições bancárias que atuam no Brasil e, eventualmente, com atividades no exterior. A escala da Austin não leva em conta e tampouco se limita ao *rating* soberano do país, este empregado como teto para *ratings* internacionais. O processo analítico da Austin Rating leva em conta, além dos fatores políticos, macroeconômicos, setoriais e regulatórios aplicados às instituições financeiras, os aspectos quantitativos (análise das demonstrações financeiras e indicadores de desempenho, Capitalização, Ativos, Captação, Resultado e Liquidez) e aspectos qualitativos (Controle Acionário, Suporte, Grupo Econômico, Administração, Estrutura Operacional e Estratégia de Médio e Longo Prazos) intrínsecos à instituição financeira em análise.

A classificação fundamenta-se na metodologia da Austin Rating para instituições financeiras, disponível no site www.austin.com.br. A classificação se apoiou no acesso às informações contábeis e gerenciais do Conglomerado Alfa, informações adicionais, bem como nas informações transmitidas pela alta administração por meio de reunião. O grau de abertura das informações contábeis e gerenciais apresentadas nas notas explicativas das demonstrações financeiras e pela administração do banco foi considerado satisfatório pela Austin Rating, permitindo uma análise aderente à metodologia. As demonstrações financeiras de março de 2010 contêm parecer dos auditores independentes, sem ressalvas.

Qualidade dos Ativos

Em março de 2010, o total de ativos do Conglomerado Financeiro Alfa montou R$ 12.132,1 milhões, representando queda de 10,4% sobre mar/09 e de 5,1% sobre dez/09. A retração está ligada à estratégia adotada pela instituição de redução do volume de produção de crédito, aumento da rigidez na análise cadastral, com o objetivo de elevar a qualidade dos créditos, o que se refletiu na rentabilidade da carteira, conforme abordado abaixo.

A carteira de crédito montou R$ 5.912,3 milhões, observando queda de 4,4% sobre dez/09 e 12,5% sobre mar/09, mantendo a retração iniciada em 2009. O crédito estava em forte ritmo de expansão, até 2008, tendo atingido o volume de R$ 7.801,4 milhões em setembro de 2008, e vem mantendo tendência de queda desde o agravamento da crise internacional. Considerando-se a composição da carteira por produtos, as operações de empréstimos e títulos descontados representavam 54% do total, com R$ 3.184,5 milhões, seguido pelas operações de financiamento, que representavam 32% da carteira total, *leasing,* com 13%, entre outros.

Com o objetivo de elevar a qualidade de sua carteira e, portanto, reduzir sua exposição frente a oscilações no mercado, o Conglomerado tem mantido como estratégia aumento no volume de garantias e análise mais criteriosa dos clientes, o que, consequentemente, leva a um menor volume de concessão de créditos. Com isso, pretende elevar a qualidade de sua carteira de crédito, refletindo em menores níveis de inadimplência, apesar de os níveis históricos serem considerados inferiores à média do mercado, política considerada positiva pela Austin Rating, uma vez que busca a redução da sua exposição.

A carteira apresenta elevada qualidade com indicador de inadimplência (atraso acima de 60 dias) de 0,8% em mar/10, em linha com seu histórico, uma vez que o indicador se mantém abaixo de 1,0%. A instituição adota uma política conservadora de provisionamento, tendo constituído provisão, de acordo com a Resolução 2.682 de R$ 74,6 milhões, adicionados a R$ 101,0 milhões referentes à provisão adicional. O volume de provisão é suficiente para a cobertura dos créditos inadimplentes em 3,5 vezes. O Conglomerado passou a adotar uma política ainda mais conservadora em relação ao provisionamento, após o agravamento da crise em 2008. O volume de créditos baixados a prejuízo é muito baixo frente ao porte de sua carteira, tendo representado 0,2% do total de crédito em mar/10 (mar/09: 0,1%).

Devido às suas características de atuação, apresenta ligeira concentração entre os maiores devedores. Entretanto, a qualidade de sua carteira é observada pelo baixo nível de inadimplência reportado, da presença de garantias líquidas para determinados clientes, fianças, os bens envolvidos nos financiamentos, bem como do reforço vindo com a constituição de provisões adicionais. A tendência de elevação no nível de concentração entre os 20 maiores devedores vem sendo mantida, de 29,4% em dez/08 para 31,4% em mar/09 e 37,7% em mar/10. O maior devedor respondia por 4,3% da carteira e por 16,9% do Patrimônio Líquido.

A carteira de títulos e valores mobiliários também apresentou redução, de 8,4% na comparação entre mar/10 e dez/09, montando R$ 5.278,0 milhões em março de 2010. A carteira estava aplicada preponderantemente em títulos públicos federais (LFTs, LTNs, NTN). Em mar/10, 56,2% da carteira estava classificada como mantida até o vencimento, 15,4% como disponível para venda e 28,4% como títulos para negociação.

Capitalização

O Conglomerado encontra-se bem capitalizado e com espaço para expandir as operações de crédito, sem

ultrapassar o limite mínimo de 11% estabelecido pelo Banco Central do Brasil para o índice de Basileia, que em março de 2010 encontrava-se em 21,05%. O patrimônio líquido do Conglomerado somava R$ 1.719,4 milhões em março de 2010, apurando um crescimento de 7,9% sobre mar/09, mantendo uma tendência de fortalecimento do PL pela manutenção de reservas. O Conglomerado opera com alavancagem em crédito de 3,4 vezes, inferior ao observado em seu histórico recente (dez/09: 3,7 vezes e dez/08: 4,7 vezes). A Austin considera este patamar de alavancagem adequado para seu perfil. A capacidade financeira do controlador é comprovadamente muito elevada. Entendemos que o mesmo demonstra-se comprometido com o crescimento e fortalecimento do Conglomerado.

Liquidez

O Conglomerado possui um Comitê de Caixa, com o propósito de gerenciar o risco de liquidez em suas posições. Este se reúne diariamente, com vistas a avaliar os mercados, o fluxo de caixa das empresas financeiras e definir a estratégia a ser adotada no dia. As posições são monitoradas *on-line* e casadas nos prazos e moedas. Em conformidade com a Resolução 2804 do BC, realiza-se diariamente o fluxo de caixa projetado das empresas. A posição em caixa em março de 2010 (disponibilidades + aplicações interfinanceiras de liquidez + títulos para negociação e disponíveis para venda, além de títulos mantidos até o vencimento com prazo até 3 meses) somou R$ 3.197,8 milhões, nível considerado adequado pela Austin Rating.

Desde o agravamento da crise internacional, em setembro de 2008, o Conglomerado tem utilizado como estratégia uma posição em caixa robusta, redução do prazo médio das operações de crédito, com cessão de operações com prazo superior a 24 meses, mantendo no balanço operações de longo prazo com *funding* específico (ex: operações com BNDES). São privilegiadas as captações com prazos entre um e três anos, sendo que não pratica o resgate antecipado para operações que não possuam cláusula que a preveja, conforme as informações disponibilizadas em *due dilligence*. Isso favorece a gestão da liquidez do Conglomerado, uma vez que permite a definição do perfil de vencimento de seus depósitos.

Do total de recursos captados, que somaram R$ 9.741,9 milhões em mar/10, 30,1% eram referentes a operações compromissadas, 26,4% correspondiam a depósitos a prazo, 12,3% ligados a obrigações por repasses no país, 11,8% referentes a recursos de aceites e emissões de títulos, 8,3% de depósitos a vista e interfinanceiros, entre outros de menor representatividade. O Alfa também lançou mão de cessões de ativos financeiros com prazo superior a 24 meses, no total de R$ 666,3 milhões em março de 2010. No mesmo período, administrava R$ 4.585,7 milhões de recursos de terceiros.

Considerando-se a cobertura de ativos sobre os passivos, o Conglomerado encontrava-se em posição adequada em março de 2010. No prazo de vencimento de até três meses, os ativos correspondiam a 1,00 vez os passivos, enquanto no prazo de vencimento entre três e 12 meses a cobertura era de 1,23 vez e acima de um ano a cobertura era de 1,33 vez. A adequada estrutura de gestão de liquidez, refletida em bons indicadores de cobertura, reflete a estratégia de redução de ativos de longo prazo com a venda de carteira com estas características, para geração de uma posição mais líquida, bem como, a busca por fontes de captação condizentes com os prazos de seus ativos.

O Conglomerado exibe ligeira concentração em torno dos maiores aplicadores, característica de bancos de seu perfil, por exemplo, sem rede de agências, o que exige gestão mais rigorosa de seu caixa, para fazer frente a eventuais saques de seus grandes depositantes. A concentração entre os maiores depositante elevou-se, sendo que o maior depositante respondia por 8,6% do total da captação em dezembro de 2009 e passou para 10,1% em março de 2010. Os 20 maiores representavam 41,4% em mar/10 e 37,2% em dez/09. Entretanto, este risco é parcialmente mitigado, ao considerar-se a base patrimonial do acionista e seu compromisso com as atividades das empresas financeiras e a solidez do Grupo Econômico Alfa, assim como seu relacionamento com os clientes.

Gestão / Estratégia / Governança Corporativa

Houve readequação do modelo do Conglomerado, que vem sendo seguido desde 2009, que tem como principais diretrizes: (i) a preferência por empréstimos de curto prazo, buscando reduzir o descasamento de prazos entre as operações ativas e passivas; (ii) concessão de financiamentos de longo prazo, apenas utilizando-se de linhas

específicas de *funding*; (iii) montagem de estrutura de concessão de crédito de varejo por convênios; (iv) desenvolvimento de operações que gerem *fee business*. A instituição buscará fortalecer sua participação nos segmentos em que se destaca, notadamente nas atividades de empréstimos, descontos de cheques e duplicatas, fiança, repasses, *leasing* e de comércio exterior, para empresas *corporate* e do *upper middle,* fazendo uso do longo histórico de relacionamento com a clientela e a agilidade do processo decisório.

Como atividades genuínas de *investment banking*, o Alfa manterá seu longo relacionamento com clientes de alta renda, oferecendo serviços de *asset management*, carteira administrada, consultoria financeira e *private banking*. Em paralelo, manterá atuação na originação e distribuição de renda fixa e variável, operações estruturadas e de *swaps*, bem como no mercado secundário, na compra e venda de ações e ouro. A área de *private banking* busca manter como diferenciais a qualidade e a agilidade no atendimento, com grupos de atendimento capacitados para atendimento das necessidades de seus clientes.

Em termos de *funding*, privilegiará a captação de longo prazo (de um a três anos sem liquidez), focando seu objetivo para a manutenção da liquidez da instituição. Ressalta-se que a readequação do modelo estratégico busca, em última instância, a conservação da solidez da instituição, mesmo que, durante o período de ajuste, as margens sejam comprometidas e a estrutura operacional seja reduzida. A Austin vê como positivo o posicionamento cauteloso adotado pelo Conglomerado, de revisão da estratégia de crescimento, redução da sua estrutura operacional, com o objetivo de redução de custos fixos, redução do descasamento de prazos e aumento de sua posição ativa líquida, com a busca de linhas de *funding* alongadas e redução do prazo na concessão de crédito, mesmo que a rentabilidade seja afetada.

A gestão do banco foi formalmente segregada em 2009, entre as operações da Financeira (varejo), tendo o Sr. Rubens Bution como presidente executivo e as operações do Banco de Investimento (atacado), tendo como presidente executivo o Sr. Fábio Amorosino. Os administradores possuem larga experiência adquirida em instituições de primeira linha e encontram-se nas empresas do acionista há muitos anos, o que confere previsibilidade na condução das atividades, no alcance de metas, preservação de princípios de conduta e no controle dos riscos.

Por meio de empresa de administração, participações e representações, cabe ao Dr. Aloysio de Andrade Faria, conforme organograma societário exibido abaixo, o controle majoritário das ações ordinárias de todas as empresas operacionais participantes do Conglomerado Alfa. Em março de 2010, o Patrimônio Líquido e o resultado das empresas se encontravam distribuídos da seguinte forma:

R$ mil

Conglomerado Financeiro Alfa	Capital Social	Patrimônio Líquido	Resultado
Banco Alfa de Investimento S/A	420.000	1.007.182	24.239
Banco Alfa S/A	27.000	60.134	1.766
Financeira Alfa S/A CFI	223.000	550.532	15.151
Alfa Arrendamento Mercantil S/A	178.300	256.159	5.181
Alfa Corretora de Câmbio e Valores Mobiliários S/A	100.000	250.001	4.930
BRI Participações Ltda.	26.868	283.374	5.364

Fonte: Demonstrações Financeiras Combinadas de março de 2010

Desempenho

Em 2009, alcançou lucro líquido de R$ 157,5 milhões, resultado 17,6% inferior ao observado no ano anterior, ligado à retração das atividades de crédito. Por sua vez, o resultado do primeiro trimestre de 2010 apresenta recuperação do resultado, em R$ 43,2 milhões, ou 31,0% superior aos três primeiros meses de 2009. A rentabilidade sobre o patrimônio líquido foi de 9,4% em dez/09 e 10,0%, em linha com a mediana observada ente seus pares.

A receita da intermediação financeira apresentou retração de 19,0% entre 2008 e 2009, passando de R$ 1.890,0 milhões para R$ 1.531,8 milhões, ligado principalmente à redução das receitas provenientes de operações de crédito

(de atacado e varejo), que passaram de R$ 935,4 milhões para R$ 730,4 milhões (-21,9%), além de impactos da variação de câmbio, que também limitaram as receitas da intermediação financeira. Em contrapartida, as despesas da intermediação também declinaram (-21,3%), o que levou a um resultado bruto de R$ 369,3 milhões, 10,5% inferior a 2008. O resultado de TVM, que também tem importante participação na composição das receitas, teve uma variação menos acentuada, de 5,5% no mesmo período, montando R$ 640,9 milhões. No primeiro trimestre de 2010, a queda das despesas em grau mais acentuado que a retração das receitas, levou a um resultado bruto 15,5% superior a mar/09.

Embora com presença cada vez maior dos créditos voltados para pessoas físicas, o ramo atacado apresenta peso de destaque no total da carteira do Conglomerado, segmento onde os *spreads* são bem mais reduzidos que no varejo, o que não favorece o aumento das margens brutas a despeito da expansão em volumes

Operando com estrutura operacional enxuta, com número reduzido de agências, regionais e lojas da financeira, o Conglomerado Alfa exibe bons indicadores de eficiência de custos. As despesas de pessoal somaram R$ 104,3 milhões em 2009, reportando queda de 9,1% frente a 2008, acompanhando o movimento de retração das despesas administrativas, que somaram R$ 120,2 milhões em 2009 (queda de 16,4% frente ao ano anterior), em linha com a estratégia da instituição de redução de sua estrutura de custos. O indicador de eficiência continua apresentando melhoras, com as despesas de pessoal e administrativas passando a representar 47,2% em mar/10 (53,0% em dez/09) do somatório da receita bruta da intermediação financeira, de prestação de serviços e de tarifas bancárias.

Risco de Mercado

A política global de exposição ao risco de mercado é estabelecida pelo Departamento de Gestão de Risco de Mercado, que conta com dois comitês: CGRM – Comitê de Gestão de Risco de Mercado, que define a estratégia e os limites de *VaR* a serem obedecidos pelo Conglomerado e o COGER – Comitê Operacional de Gestão de Riscos, que supervisiona o processo global de riscos. O CGRM é liderado pela Presidência pela Diretoria de Tesouraria, pela Diretoria de Crédito, pela Diretoria Financeira/Leasing além do Diretor de Gerenciamento de Risco de Mercado e Departamento de Gestão de Riscos. O COGER é composto por: Diretoria de Tesouraria, Gerentes das Mesas de Tesouraria e de Câmbio, Diretor de Gerenciamento de Risco de Mercado, Controladoria e Departamento de Gestão de Riscos. Cabe a uma área independente o acompanhamento do cumprimento diário das posições, por meio da apuração do *VaR*, no modelo paramétrico, com intervalo de confiança de 99% para um dia, além de freqüentes testes de estresse. Em paralelo, obedecendo às exigências do Banco Central, é calculado diariamente o nível de capital para a cobertura do risco de exposição cambial e de operações com taxas prefixadas.

Embora o tamanho da carteira de Títulos e Valores Mobiliários seja relevante, com respeito ao PL do Conglomerado, tal elemento não configura um fator de risco. O *VaR* global tem peso reduzido em relação ao PL e intervalo de confiança de 99%. O uso de instrumentos financeiros derivativos tem como propósito atender às demandas de clientes e reduzir a posição de risco de mercado do Conglomerado. Ao final de 2009, os principais fatores de riscos dos instrumentos financeiros derivativos estavam ligados a taxas pré-fixadas e câmbio, sendo que as operações tinham como objetivo a neutralização de exposições na carteira, não objetivando a geração de rendas. Em março de 2010 observava uma exposição líquida por descasamento de indexadores de R$ 45,7 milhões, a qual era objeto de contratação de swaps.

Risco Operacional

A área de Gestão de Riscos responde especificamente pelo risco operacional das empresas do Conglomerado. Em linha com os prazos estabelecidos na Resolução 3.380 do Banco Central, as empresas do Conglomerado já possuem a estrutura, política, processos, procedimentos e sistema de gerenciamento para o corpo diretivo identificar, avaliar, monitorar e controlar os riscos aos quais estão submetidas as empresas do Conglomerado. Em linha com boas práticas de Governança Corporativa, o Conglomerado recebe o aporte dos trabalhos realizados pelo Comitê de Auditoria, que exerce o acompanhamento das atividades das áreas de Controles Internos, de Auditoria Interna e Auditoria Externa, dentre outras, ampliando o escopo de cobertura da avaliação do risco operacional envolvido nas

empresas. Entendemos que a estrutura, a profundidade e a qualidade dos controles internos são adequadas, propiciando ao seu corpo diretivo boas condições de gerenciamento, com a rápida identificação na tomada de decisões, visando solucionar possíveis anomalias. Em março de 2010, a parcela de patrimônio calculada para efeitos do risco operacional foi de R$ 74,7 milhões.

Fatores Exógenos

No decorrer do ano de 2009, observou-se tendência de estabilização após o agravamento da crise em 2009. Os primeiros meses de 2010 foram marcados pelo avanço da atividade produtiva e da concessão do crédito no Sistema Financeiro, bem como a redução das taxas e ampliação dos prazos dos financiamentos. Os indicadores de qualidade do crédito têm se estabilizado, com retração dos níveis de inadimplência.

Com um cenário de variáveis mais comportadas, o Banco Central divulgou, no final de fevereiro de 2010, que promoverá, de forma moderada e gradativa, medidas de reversão dos estímulos concedidos, iniciando pela alteração das alíquotas de depósitos compulsórios. O ciclo de aperto monetário iniciado em 2010 tende a elevar os custos de captação e achatar as margens obtidas, entretanto, o curto prazo para remarcação de grande parte dos ativos do Conglomerado Alfa contribui para a manutenção de sua rentabilidade.

PERSPECTIVA

A perspectiva estável incorpora a opinião da Austin que o Conglomerado Alfa manterá os controles internos e gestão de riscos que se refletem na excelente qualidade de sua carteira de crédito, além de se manter rentável no longo prazo. A conservação de uma base patrimonial robusta, com folga no indicador de Basileia, também contribui para a manutenção da nota. A perspectiva também considera o desafio de manter sua rentabilidade em um cenário de redução de *spreads,* bem como manter uma adequada gestão de prazos entre os ativos e fontes de captação. Como fatores que poderiam impactar positivamente na perspectiva da instituição, ressaltamos a redução da concentração entre os aplicadores, bem como a melhora em seus indicadores de liquidez, com redução da participação de fontes mais voláteis de recursos.

ANÁLISE ECONÔMICO-FINANCEIRA

(Base: Demonstrações Financeiras Combinadas do Conglomerado Financeiro Alfa envolvendo as demonstrações financeiras individuais do Banco Alfa S/A, da Financeira Alfa S/A, do Banco Alfa de Investimento S/A e suas controladas Alfa Arrendamento Mercantil S/A, Alfa Corretora de Câmbio e Valores Mobiliários e BRI Participações Ltda., segundo suas respectivas participações, auditados pela KPMG Auditores Independentes, sem ressalvas).

R$ mil

	dez/07	dez/08	dez/09	mar/10
Ativo Circulante	**7.704.928**	**8.596.458**	**6.006.434**	**7.873.760**
Disponibilidades	11.162	5.714	7.343	7.466
Aplicações Interf. de liquidez	181.790	399.646	236.498	319.470
Títulos e Valores Mobiliários	3.315.689	3.704.546	2.120.511	4.125.642
Relações Interfinanceiras	166.946	9.267	2.333	5.285
Operações de Crédito	3.031.305	2.985.353	2.941.365	2.752.767
Operações de Arrendamento Merc.	318.955	577.509	489.320	437.296
Outros Créditos	635.406	897.957	178.257	202.805
Outros Valores e Bens	43.675	16.466	30.807	23.029
Realizável a Longo Prazo	**5.474.073**	**6.081.283**	**6.748.073**	**4.233.684**
Títulos e Valores Mobiliários	2.883.502	2.443.584	3.919.494	1.452.317
Operações de Crédito	2.047.810	2.794.333	2.168.477	2.189.365
Operações de Arrendamento Merc.	345.599	609.056	378.109	303.510
Outros Créditos	170.868	214.505	277.181	284.870
Outros Valores e Bens	26.294	19.805	4.812	3.622
PERMANENTE	44.360	41.040	26.297	**24.650**
ATIVO TOTAL	**13.223.361**	**14.718.781**	**12.780.804**	**12.132.094**
Passivo Circulante	**8.308.605**	**6.943.455**	**6.653.659**	**6.227.021**
Depósitos	2.120.634	1.858.683	2.894.419	2.041.661
Captação no Mercado Aberto	4.105.243	2.506.874	2.462.201	2.927.954
Recursos de Aceites Emissão Títulos	68.566	59.638	180.847	154.136
Relações Interfinanceiras	15.764	1	15	2.398
Relações Interdependências	3.668	13.020	2.661	1.270
Obrigações por Empréstimos	274.325	382.408	89.679	100.136
Repasses Inst. Oficiais	405.151	567.462	415.519	397.564
Instrumentos Financeiros Derivativos	718.434	213.897	91.654	94.808
Outras Obrigações	596.820	1.341.472	516.664	506.554
Exigível a Longo Prazo	**3.494.281**	**6.215.837**	**4.453.856**	**4.185.638**
Depósitos	1.197.516	2.574.409	1.302.147	1.341.457
Recursos de Aceites Emissão Títulos	610.910	881.467	1.079.616	997.490
Obrigações por Empréstimos	0	9.180	937	1.056
Repasses Inst. Oficiais	631.864	1.091.650	828.493	803.342
Instrumentos Financeiros Derivativos	683.440	247.739	339.697	307.184
Outras Obrigações	370.551	1.411.392	902.966	735.109
Patrimônio Líquido	1.419.057	1.559.489	1.673.289	1.719.435
PASSIVO TOTAL	**13.223.361**	**14.718.781**	**12.780.804**	**12.132.094**

Resultado

R$ mil

	dez/07	dez/08	Dez/09	Mar/10
Receita da Intermediação Financeira	**1.427.581**	**1.890.024**	**1.531.770**	**355.946**
Operações de Crédito	697.587	935.359	730.365	186.175
Operações de Arrendamento Merc.	78.863	161.849	152.505	35.264
Títulos e Valores Mobiliários	618.660	678.437	640.897	132.256
Aplicações Compulsórias	19.539	16.535	-	-
Resultado de Câmbio	12.932	97.840	8.003	2.251
Operações de Venda ou Transf. De Ativos Financ.	-	4	-	-
Despesa da Intermediação Financeira	**1.025.764**	**1.477.372**	**1.162.496**	**248.895**
Captação no Mercado	802.347	989.550	720.734	158.839
Empréstimos, Cessões e Repasses	84.123	265.540	101.434	25.818
Instrumentos Financeiros Derivativos	79.160	94.059	62.927	19.396
PCLD	60.134	81.242	74.253	12.739
Operações de Venda ou Transf. De Ativos Financ.	-	46.981	203.148	32.103
Resultado Bruto da Interm. Financeira	**401.817**	**412.652**	**369.274**	**107.051**
Outras Rec./Desp. Operacionais	**-40.261**	**-124.593**	**-142.181**	**-41.697**
Resultado Operacional	**361.556**	**288.059**	**227.093**	**65.354**
RESULTADO LÍQUIDO	**251.709**	**191.101**	**157.510**	**43.153**

Carteira de Crédito (R$ milhões)

	Dez/07	Dez/08	Dez/09	Mar/10
Total de Crédito	**6.011.242**	**7.266.036**	**6.187.597**	**5.912.281**
Risco nível AA	1.478.184	3.357.925	2.784.444	2.574.463
Risco nível A	1.058.945	2.494.448	2.226.852	2.161.341
Risco nível B	3.163.351	1.052.441	877.669	877.412
Risco nível C	264.697	316.009	187.635	195.209
Risco nível D	13.874	14.333	40.088	36.494
Risco nível E	5.982	5.824	28.791	25.009
Risco nível F	4.246	4.483	6.385	5.341
Risco nível G	5.571	4.595	4.337	5.523
Risco nível H	16.392	15.978	31.396	31.489
Total de Crédito em Atraso	**47.704**	**50.795**	**64.998**	**64.462**
Provisão Constituída	70.467	57.093	75.811	74.615
Provisão Adicional	24.502	81.442	98.833	101.005
Provisão Total	94.969	138.535	174.644	175.620
Cobertura Provisão / Atraso	**2,0**	**2,7**	**2,7**	**2,7**
Write-offs	47.974	39.967	40.241	**12.410**
Cobertura Provisão / Write-offs	**2,0**	**3,5**	**4,3**	**14,2**

LIQUIDEZ – Caixa Livre e Equivalente Caixa	Dez/08	Jun/09	Dez/09	Mar/10
Disponibilidades	5.714	9.200	7.343	7.466
Aplicações Interfinanceiras de Liquidez	399.646	53.558	234.498	319.470
TVM (para negociação + disp. Venda)	2.783.245	2.883.135	2.852.012	2.311.056
TVM (mantidos até o vencto – até 3 meses)	159.954	109.969	176	559.790
Liquidez Total	**3.348.559**	**3.055.862**	**3.094.029**	**3.197.782**
Liquidez Total / Depósitos (Passivo Circulante)	1,8	2,1	1,1	1,6
Liquidez Total / Patrimônio Líquido	2,1	1,9	1,8	1,9

INDICADORES DE DESEMPENHO

ADEQUAÇÃO DO CAPITAL (%)	Dez/07	Dez/08	Dez/09	Mar/10
Capitalização	12,0	11,9	15,1	16,5
Concentração em Crédito	45,6	49,5	48,5	48,8
Alavancagem em Crédito (x)	4,2	4,7	3,7	3,4
Índice da Basileia	17,8	15,1	20,2	21,1

LIQUIDEZ (%)	Dez/07	Dez/08	Dez/09	Mar/10
Encaixe	28,5	20,3	19,1	34,4
Liquidez Corrente	92,7	123,8	90,3	126,4
Liquidez Imediata	56,4	94,1	44,1	89,6

QUALIDADE DO ATIVO (%)	Dez/07	Dez/08	Dez/09	Mar/10
Inadimplência (> 60 dias)	0,5	0,4	0,8	0,8
Provisionamento	1,6	1,9	2,8	3,0
Comprometimento do PL (> 60 dias)	2,0	1,8	2,6	2,6

CUSTO (%)	Dez/07	Dez/08	Dez/09	Mar/10
Intermediação	8,0	10,2	9,9	8,8
Eficiência	53,1	50,3	53,0	47,2
Custo Total	10,2	12,3	12,0	11,1

RENTABILIDADE (%)	Dez/07	Dez/08	Dez/09	Mar/10
Margem Bruta	28,7	24,7	24,2	30,8
Rentabilidade PL	17,7	12,3	9,4	10,0
Retorno sobre Ativo	1,9	1,3	1,2	1,4

Classificação da Austin Rating

Solidez Financeira

AAA O banco apresenta solidez financeira intrínseca excepcional. Normalmente trata-se de grandes instituições, dotadas de negócio seguro e valorizado, excelente situação financeira atual e histórica. O ambiente empresarial e setorial pode variar sem, contudo, afetar as condições intrínsecas de funcionamento do banco. O risco é quase nulo.

AA O banco apresenta solidez financeira intrínseca excelente. São instituições dotadas de negócio seguro e valorizado, boa situação financeira atual e histórica. O ambiente empresarial e setorial pode variar sem, porém, afetar as condições de funcionamento do banco. O risco é irrisório.

A O banco apresenta solidez financeira intrínseca boa. São instituições dotadas de negócio seguro e valorizado, boa situação financeira atual e histórica. O ambiente empresarial e setorial pode variar sem, porém, afetar as condições de funcionamento do banco. O risco é muito baixo.

BBB O banco apresenta solidez financeira intrínseca adequada. Normalmente são instituições com ativos dotados de cobertura. Tais bancos apresentam situação financeira razoável e estável. O ambiente empresarial e setorial pode ter uma variação mais acentuada do que nas categorias anteriores e apresenta algum risco nas condições intrínsecas de funcionamento do banco. O risco é baixo.

BB O banco apresenta solidez financeira intrínseca regular. Apresenta parâmetros de proteção adequados, mas vulneráveis às condições econômicas, gerais e setoriais, que podem afetar as condições intrínsecas de funcionamento do banco. O risco é médio.

B O banco apresenta solidez financeira intrínseca regular. Apresenta parâmetros de proteção adequados, tem uma vulnerabilidade grande às condições econômicas, gerais e setoriais, que pode afetar as condições intrínsecas de funcionamento do banco. O risco é médio.

CCC O banco apresenta baixa solidez financeira, exigindo eventual assistência externa, apresenta uma vulnerabilidade muito grande às condições econômicas, gerais e setoriais, que podem afetar as condições intrínsecas de funcionamento do banco. O risco é alto.

CC O banco apresenta baixa solidez financeira, exigindo eventual assistência externa, apresenta uma vulnerabilidade muito grande às condições econômicas, gerais e setoriais, que podem afetar as condições intrínsecas de funcionamento do banco. O risco é muito alto.

C O banco apresenta péssima solidez financeira, exigindo eventual assistência externa. Tais instituições estão limitadas por um ou mais dos seguintes elementos: negócio de questionável valor; condições financeiras deficientes; e um ambiente empresarial altamente desfavorável. O risco é altíssimo.

Sinais de (+) mais e (-) menos são utilizados para identificar uma melhor ou pior posição dentro de uma mesma escala de rating.

Obrigações

Escala Nacional de Curto Prazo (inferior a 360 dias)

A-1 Excelente capacidade de pagamento de obrigações de curto prazo, comparativamente a outros emissores e emissões nacionais. Essas emissões apresentam segurança extremamente forte quanto ao pagamento de juros e principal. O risco de crédito é muito baixo.

A-2 Boa capacidade de pagamento de obrigações de curto prazo, comparativamente a outros emissores e emissões nacionais. Essas emissões apresentam forte segurança quanto ao pagamento de juros e principal. O risco de crédito é baixo.

A-3 Satisfatória capacidade de pagamento de obrigações de curto prazo, comparativamente a outros emissores e emissões nacionais. Essas emissões apresentam adequada segurança quanto ao pagamento de juros e principal, porém risco maior dentre as classificadas como grau de investimento. O risco de crédito é moderado.

B Fraca capacidade de pagamento de obrigações de curto prazo, comparativamente a outros emissores e emissões nacionais. Essas emissões apresentam segurança abaixo da média para o pagamento de juros e principal. O risco de crédito é alto.

C Capacidade de pagamento de obrigações de curto prazo muito fraca, comparativamente a outros emissores e emissões nacionais. Emissões com esse rating apresentam segurança muito fraca quanto ao pagamento de juros e principal. O risco de crédito é muito alto.

D Pagamento em situação de Default.

A escala de rating de crédito de curto prazo não prevê a utilização dos diferenciadores.

Rating é uma classificação de risco, por nota ou símbolo. Esta expressa a capacidade do emitente de título de dívida negociável ou inegociável em honrar seus compromissos de juros e amortização do principal até o vencimento final. O *rating* pode ser do emitente, refletindo sua capacidade em honrar qualquer compromisso de uma maneira geral, ou de uma emissão específica, onde é considerada apenas a capacidade do emitente em honrar aquela obrigação financeira determinada.

As informações obtidas pela Austin Rating foram consideradas como adequadas e confiáveis. As opiniões e simulações realizadas neste relatório constituem-se no julgamento da Austin Rating acerca do emitente, não se configurando, no entanto, em recomendação de investimento para todos os efeitos.

Para conhecer nossas escalas de *rating* e metodologias, acesse: **www.austin.com.br**

® *Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por outro meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação, sem prévia autorização, por escrito, da Austin Rating Serviços Financeiros Ltda.*